

29 OUT 1994

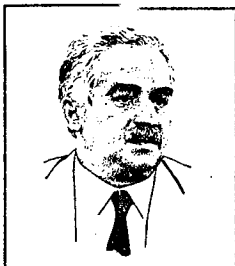
Brasil já é um país adulto

É preciso que o governo deixe de tratar o empresário brasileiro como um bando de amadores ou de aventureiros irresponsáveis, que necessitam ora da sua proteção salvadora, ora de suas intervenções truculentas. O que o mercado precisa é de concorrência estimulante. Daqui ou de fora.

Um país que acumula reservas cambiais de US\$ 40 bilhões, tem quatro milhões de empresas cadastradas, que o Banco Mundial

considera como o conjunto mais atraente para receber investimentos, exatadamente por sua diversidade e diversificação de atividades, deve ser encorajado a produzir para atender a demanda reprimida de 60 milhões de consumidores brasileiros.

Impressiona o desprezo que os governos cultivam pelo gerenciamento da coisa pública e privada sob sua responsabilidade. Preferem governar por portarias e decretos, de dentro de seus gabinetes, como se fosse possível existir "meia" economia de mercado, com alguns controles e regulamentações aqui ou acolá. São, muitas vezes, decisões acadêmicas, isoladas, arrogantes e apartadas do dia-a-dia do brasileiro, de tal forma que rompem sem escrúpulos o legítimo direito do cidadão de consumir o que quer com seu dinheiro. Trata-se de um *déjà vu* autoritário, típico de governos centralistas e de economias fechadas que buscam encontrar alguma eficácia intervindo na



País deve ser encorajado a atender à demanda de 60 milhões de consumidores

vontade e nos contratos particulares de milhões de pessoas.

Para o governo, isso parece mais simples e fácil que enfrentar sua burocracia e meia dúzia de empresários. Economias fechadas e protecionistas servem a governos ingênuos, desprezados ou corruptos e a empresários incompetentes, o que, felizmente, não é nosso caso.

Jamais se saberá o quanto o País perdeu por anos a fio, por exemplo, com a proteção para determinados

setores, principalmente o da informática. Até há bem pouco tempo, fábricas e escritórios brasileiros eram verdadeiros anacronismos se comparados a segmentos semelhantes em boa parte do mundo.

O mito de que mercados abertos e competitivos sucateariam nosso parque caiu por terra com a recente experiência da indústria automobilística nacional que obteve, em três anos, um extraordinário crescimento: a produção cresceu de 700 mil para 1,5 milhão de veículos/ano. De apenas 12 empresas certificadas com ISO 9000, fecharemos 1994 com mais de 500 empresas com esse certificado de qualidade internacional. Isso prova que este país pode dar saltos e dobrar sua produção em pouco tempo se for estimulado a concorrer.

O professor José Pastore, que escreveu um belíssimo estudo sobre a flexibilização das relações de traba-

lho, conta um caso interessante que ilustra bem o alcance da força empreendedora, quando há espaço para ela se expandir. O dono de uma fábrica de camisas num desses países asiáticos que estão experimentando grande expansão e desenvolvimento, recebeu a visita de um comprador chinês bastante estimulado pelos ventos capitalistas que também andam soprando em seu país. O chinês queria encomendar camisas. Para começar, 5 milhões de camisas em cem dias. Pagaria US\$ 1,65 por unidade. A fábrica não comportava essa demanda, nem com cinco anos de prazo para a entrega da encomenda. Mas, mesmo assim, o pedido foi aceito e o contrato, assinado. Recrutando mão-de-obra em todo o canto, comprando estoques de quem tivesse, importante de seus vizinhos asiáticos, subcontratando e negociando de toda forma e maneira com quem queria trabalho, o fabricante forneceu os 5 milhões de camisas ao fim de cem dias. Teve apenas uma frustração: foi difícil identificar algum chinês usando sua camisa. Afinal, com 1,17 bilhão de habitantes, essa primeira encomenda não era nada!

No Brasil, prefere-se matar a inflação acabando com o mercado consumidor e quando a hora é de abastecê-lo o governo puxa as rédeas e o galope vira trote, freando a corrida. Estranhamente não se cogita enfrentar a fase emergencial com medidas de estímulo à produção ou com liberação ampla e irrestrita às importações por um determinado período de tempo. O Brasil não é um vilarejo isolado no meio da selva. E mesmo que fosse, os satélites nos colocariam, como fazem, em contato com o

resto do mundo. Não há decreto ou portaria capaz de breicar esse movimento que alinha povos e países, derruba fronteiras, unifica moedas e aproxima os mercados.

Melhor faria o governo se buscasse soluções para os problemas que infernizam os brasileiros que enfrentam longas filas para resolver as questões mais elementares da sua vida, querem empreender e têm que se defrontar com todo o tipo de burocracia, que querem empregar, mas que sabem que, para cada R\$ 100 pagos como salário, pagariam outros R\$ 102 de encargos sociais com regras trabalhistas absolutamente inflexíveis.

Melhor faria também se deixasse de transferir dinheiro para empresas estatais cujo retorno só obterá dentro de 140 anos; se além de anunciar estatísticas alarmantes, agisse de fato para minimizá-las; se apresentasse à população os resultados da distribuição de recursos orçamentários em fundos ditos públicos; se publicasse o balanço da Previdência Social, cuja falência alardeia há tempos. Faria ainda melhor se parasse com a cantilena de que a carga tributária é baixa, quando ao mesmo tempo divulga que, para cada 1 que se arrecada, 1 outro é sonegado, denunciando sua própria incapacidade de gerenciar a máquina do Estado.

Mas competente mesmo seria se, além de tudo isso, ao invés de destruir, acalentasse os sonhos de milhões de brasileiros ávidos por desfrutar por sua própria conta e risco o sagrado direito de consumir.

■ Antoninho Marmo Trevisan é presidente da Trevisan Auditores e Consultores